

Casa dos Açores do Quebeque

POR NORBERTO AGUIAR, EM MONTREAL*

A Casa dos Açores do Quebeque nasceu a 18 de julho de 1978, por iniciativa de cinco elementos da Comunidade Açoriana de Montreal. Foram eles, Tadeu Rocha, Carlos Saldanha, Joviano Vaz, Maria Elvira Saldanha e Manuel Contente. Tadeu Rocha, visto como sendo do Faial, tal qual Carlos Saldanha, Manuel Contente e Maria Elvira Saldanha, afinal foi nascido na Terceira; enquanto Joviano Vaz era o único micaelense do grupo.

Durante muitos anos foi Tadeu Rocha o seu presidente, além de ter sido o seu principal mentor. Carregou com a maior parte das «despesas» do que foi a Casa dos Açores até ser praticamente corrido sem glória! Mas disso e doutras peripécias falaremos a seu tempo... se chegarmos a tempo.

Hoje, aqui e agora, é dia de falar de festa. E de que festa!

Não podendo ser comemorado no seu dia, verão oblige, o aniversário dos 45 anos da Caçorbec foi levado a efeito, sábado, dia 14 de outubro, em Anjou.

E tudo começou com um soberbo coquetel. Que as cerca de 500 pessoas presentes não se fizeram rogadas ao delectarem-se com os acepipes preparados, ali, na cara dos respetivos convivas. Não foi por isso de admirar as duas filas enormes que se formaram nos dois lados centrais da sala, ao mesmo tempo que a música do DJ Jef Gouveia ressoava pela emoldurada e bela sala do Centre Renaissance, situado ali para os lados da freguesia de Anjou, do nosso presidente Luis Miranda, ligado a esta localidade há mais de 30 anos.

Agindo como mestre de cerimónia, Paula Ferreira, atual presidente da Caçorbec, por volta das 20 horas, deu enfim o sinal de partida para uma noite que viria a justificar o nome de gala. Porque se tratou, efetivamente, de uma festa de gala, como poderão ler adiante.

Depois de dar as boas vindas aos sócios e amigos da Casa dos Açores, Paula Ferreira apresentou a Filarmónica do Divino Espírito Santo, de Laval, que por sinal ocupa um espaço na própria Casa dos Açores, numa colaboração que já vem de longe.

Depois de interpretar os hinos do Canadá, de Portugal, dos Açores e, surpresa, da Caçorbec, a Filarmónica do Divino Espírito Santo logo ali ficou sem o seu maestro, Gilberto Pavão, que decidiu que depois de 46 anos de regência era altura de dizer adeus

aos seus músicos e dirigentes, assim como a todos aqueles que o seguiram durante toda a sua carreira, que começou quando jovem, na freguesia dos Mosteiros, e terminou agora na cidade de Montreal.

Com a sua declaração de renúncia, que pareceu surpreender todos os presentes, as homenagens surgiram da Casa dos Açores e da própria sala, que lhe tribudou uma sortida salva de palmas.

Apetece-nos dizer que mais um valor, neste caso ligado à música, que se retira do meio comunitário.

Depois vieram sucessivamente os discursos dos conselheiros das comunidades Açoriana e Portuguesa, respetivamente Victor Faria e Daniel Loureiro. Em palavras de circunstância, desejaram um bom aniversário à Casa dos Açores.

A surpresa, a nós confiada em recente entrevista para a LusaQ TV, estava guardada para a intervenção, via Internet, do diretor regional das Comunidades Açorianas, Dr. José Andrade. Na ocasião, o político açoriano evocou o aparecimento da Casa dos Açores, a primeira a ser criada no Canadá, lembrando os seus cinco obreiros pioneiros, citando mais três ou quatro outros nomes, dentre eles, alguns desconhecidos da maior parte dos próprios sócios. Lamentou o facto de não poder estar presente e terminou dizendo que o passado foi importante mas que agora há que olhar para o futuro. José Andrade ainda relatou que sempre que vem a Montreal se sente em casa.

Os discursos terminaram com a intervenção do Dr. Francisco Saraiva, cônsul geral de Portugal em Montreal e responsável pela diplomacia portuguesa no Leste do Canadá.

O diplomata começou por felicitar a Casa dos Açores, que qualificou de uma coletividade das mais ativas do nosso grupo comunitário, ao mesmo tempo que elogiou a capacidade de trabalho dos seus dirigentes, na pessoa de Paula Ferreira, a presidente. Falou ainda na dedicação de todos posta ao serviço dos Açorianos, que formam uma comunidade muito unida.

Antes de terminar o seu discurso, Francisco Saraiva enalteceu 2023, um ano fausto para a nossa comunidade, pois que para além de algumas iniciativas culturais de bom matiz, ainda recebeu Paulo Cafôfo, secretário de Estado das Comunidades Portuguesas e, sobretudo, a visita do Presidente da República, Professor Marcelo Rebelo



de Sousa.

Como resultado da visita de Paulo Cafôfo à Comunidade, adiantou o cônsul geral, tomaram-se algumas decisões positivas em relação ao atendimento consular, nomeadamente com a abertura do consulado à sexta-feira, sem marcações prévias. Uma medida perseguida por muitos.

A sua ida aos Açores, que não conhece, parece estar na agenda do nosso cônsul.

De seguida subiram ao palco José Costa, presidente do Centro Comunitário do Espírito Santo de Anjou, e Sandra Isidoro, outra das poucas mulheres que dirigem agremiações comunitárias, da Filarmónica Portuguesa de Montreal, para deixarem

lembranças à Casa dos Açores pelos seus 45 anos.

Homenagens

Depois do brinde feito à Casa aniversariante, passou-se à fase das homenagens, uma surpresa bem guardada até aquele momento, garantiu Paula Ferreira, a presidente do organismo e ao mesmo tempo, como já dissemos, mestre de cerimónia da noite.

Foi assim que foram chamados ao palco três casais que no dizer da presidente muito tem contribuído para o muito do bom que tem sido feito na Casa dos Açores.

O primeiro casal a subir ao palco foi Manuel Morgado e sua esposa Inês Resendes,

